
A EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA

Rogério Bianchi de Araújo

Mestrando em Filosofia Social pela
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas e Professor do Departamen-
to de Ciências Sociais na
UNINOVE

Resumo

Este artigo tem por objetivo estabelecer alguns parâmetros para colaborar com a compreensão do que representa a educação e a escola no mundo contemporâneo. Trata-se de uma análise filosófica com ênfase na idéia de pós-modernismo, a qual vai exercer uma influência muito grande sobre o sistema educacional vigente. Diante desse quadro, o artigo aponta alguns caminhos possíveis pelos quais a educação pode enveredar.

Palavras-chave: pós-modernidade; hermenêutica; valores; emancipação; liberdade.

Abstract

This paper establishes some points in order to help in the comprehension of what the education and the school represent in contemporaneous world. It shows a philosophic analysis with emphasis in the postmodernism idea, which will influence very much the current educational system. Due to this, the paper points to some possible ways in which education can turns into.

Key words: postmodernity; hermeneutic; values; emancipation; freedom.

Já estamos vivendo em um mundo pós-moderno. Essa linha de pensamento é defendida por muitos autores e criticada por outros. Para Anthony Giddens (1991), o que chamamos de 'pós-moderno' corresponde a um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes.

A modernidade deixa de existir quando já não se pode falar de uma história unitária. O mundo pós-moderno é o mundo da comunicação de massa, da pluralidade de culturas e pontos de vista.

É ilusão pensar que existe um ponto de vista supremo, que vá englobar todos os outros. Cada vez mais, educação e comunicação se aproximam, diante das revoluções tecnológicas que assolam o mundo quase todos os dias e da penetração da mídia nas mais diferentes camadas sociais. Em um mundo que impossibilita uma visão única e universal, qual seria o papel do sistema educacional, ou seja, a função de educadores e das instituições escolares em particular?

Remetendo-nos à Antiguidade, vemos entre os gregos uma concepção de educação influenciada pela moral socrática. A consciência filosófica está em voga e a educação gira em torno de conceitos estéticos e metafísicos acerca das idéias de Bem, Belo etc. Mais tarde, com o advento da Idade Média, o predomínio das idéias da Igreja Católica e seus dogmas são impostos como fonte de poder legitimado, materializado e simbolizado. A consciência cristã faz-se influenciar em todo o mundo feudal. A transformação do conhecimento realmente ganhará um novo ímpeto com a Renascença e, mais tarde, com o advento das três Revoluções: a Industrial, a Francesa e a Ideológica e Científica.¹ “Descartes principia com sua dúvida universal, que parece encerrar o homem nos limites da própria consciência” (CASSIRER, 1972: 37). Aqui, a idéia de infinito se revela e a razão matemática supera todas as expectativas. O intelecto humano também ganha o status de infinitude, e Deus passa a ser um suporte para o estado espiritual. Nessa fase, várias descobertas científicas são ressaltadas e ganham prestígio. As teorias de Newton, Einstein, Darwin entre outras, pareciam demonstrar que o conhecimento humano realmente não teria mais limites. O desenvolvimento da ciência atrelado ao desenvolvimento do capital levou o homem a fragmentar o conhecimento e possibilitou o nascimento das Ciências Humanas, com o Positivismo de Augusto Comte. Agora era preciso colocar ordem para que se alcançasse o almejado progresso e essa ordem só poderia advir da ação das Ciências Humanas. “A sociedade das Ciências Humanas é aquela em que o humano se torna finalmente objeto de saber rigoroso, válido, verificável”. (VATTIMO, 1992: 24)

A pós-modernidade começa a nascer com Nietzsche, quando ele apregoa a morte de Deus e de todos os valores universais, além de proclamar que o mundo verdadeiro tornou-se fábula. Dessa forma, podemos dizer, com Marshal Bermann (1988), que “tudo

1 Falamos das três grandes revoluções ocorridas entre os séculos XVI e XIX que, junto com a ascensão da burguesia, proporcionaram o advento do capitalismo e de sua ideologia em escala planetária. Para tanto, as descobertas científicas desse período e as idéias iluministas com ênfase na racionalidade humana foram de fundamental importância para a modernidade.

que é sólido desmancha no ar". Ao anunciar a morte de Deus, Nietzsche descaracteriza o sentido da verdade e as condições de existência passam a ser menos violentas. Por sua vez, Heidegger, filósofo alemão, ressalta a crise do humanismo e a da ciência e da técnica como processos gerais de desumanização. Nos termos de Vattimo (1987:32): "A crise do humanismo liga-se ao perder-se da subjetividade humana nos mecanismos da objetividade científica". A racionalidade exacerbada pela Época das Luzes começa a ser questionada, ou seja, o homem talvez tenha se entusiasmado tanto com o seu suposto conhecimento científico ilimitado que pode ter transformado o mundo em um local inabitável ou chegado próximo de seu limite.

Com o fim da bipolaridade da Guerra Fria, cuja análise é interpretada por alguns como o 'fim da história', entre eles o sociólogo Francis Fukuyama², há um revitalização do sistema capitalista. Políticas neoliberais passam a ser implementadas pelo mundo afora, sendo nocivas particularmente para os chamados países em desenvolvimento. As desigualdades aumentam e o abismo social entre nações ricas e pobres se aprofunda ainda mais. Por outro lado, houve uma democratização da informação, isto é, barreiras entre países foram sendo derrubadas, proporcionando uma maior interatividade entre as diversas culturas. O sociólogo Alain Touraine já havia ressaltado, em recente passagem pelo Brasil, a conquista dos direitos culturais como o nosso próximo desafio, tendo em vista que os direitos políticos e sociais já estavam garantidos, e se eles não estão sendo exercidos, essa é uma outra discussão cuja temática não é o foco principal deste artigo.

2 O sociólogo nipo-americano, Francis Fukuyama, recebeu muitas críticas, principalmente de intelectuais simpatizantes do pensamento de esquerda, quando do lançamento, em 1992, do seu livro, *O Fim da História e o Último Homem*.

O incrível progresso dos meios de comunicação estabeleceu novos parâmetros de análise. A internet, principalmente, é o carro-chefe de uma revolução mundial, a revolução tecnológica. Com a imensa gama de informações disponíveis, já estamos vivendo em um estágio diferenciado de desenvolvimento humano. Assim, "o termo pós-moderno tem um sentido; e que este sentido está ligado ao facto da sociedade em que vivemos ser uma sociedade de comunicação generalizada, a sociedade do mass media" (VATTIMO, 1992:7). Para a dissolução dos pontos de vista centrais, foram de fundamental importância os meios de comunicação como jornais, revistas, rádio e televisão.

A alegação pós-moderna é que explicações universais, como as de Nietzsche quando proclama a vontade do poder, as de Freud assinalando o instinto sexual ou Marx entronizando o instinto econômico (CASSIRER, 1972:44), já não podem ser assumidas enquanto verdades absolutas. Não se trata mais de procurar o ideal de um conhecimento verdadeiro, mas sim de interpretar e avaliar. Em outras palavras, em um mundo onde há uma gama invariável de interpretações e múltiplas visões de mundo, a hermenêutica ganha uma importância fundamental. Por hermenêutica entende-se a ferramenta mais adequada para interpretarmos o mundo³. Ainda segundo Vattimo (1992:9):

3 Hermenêutica: teoria da interpretação dos signos como elementos simbólicos de uma cultura.

na escola estudamos muitas datas de batalhas, tratados de paz, revoluções; mas nunca nos narraram as transformações do modo de nutrição, do modo de viver a sexualidade, ou coisas semelhantes. Assim, aquilo de que fala a história são as vicissitudes da gente que conta, dos nobres, dos soberanos, ou da burguesia quando se torna classe de poder: mas os pobres, ou os aspectos da vida que são considerados baixos, não fazem história.

De acordo com a análise vattimiana, no pensamento de hoje, não se pode dizer que exista uma história, pois a história dos acontecimentos é só uma entre outras; ela se transformou em narrativa. Na fragmentação pós-moderna, as narrativas parecem todas iguais. Esse fenômeno ocorre porque já não podemos estabelecer valores universais que sustentariam qualquer consenso. Segundo Lyotard (1988), o tempo dos grandes discursos (socialismo, comunismo, nazismo etc.) terminou. Alain Touraine (1998) complementa dizendo que, por outro lado, o tempo dos grandes discursos pessoais está apenas começando (individualização).

Essa visão nos remete ao nosso principal objetivo, que é uma tentativa de responder ao que vem a ser educar no século XXI. As crianças e adolescentes já não aceitam uma verdade absoluta e sacramentada, vista apenas sob um prisma único. “O que eu digo é verdadeiro porque o provo; mas o que prova que a minha prova é verdadeira?” (LYOTARD, 1998: 54). O autor afirma que a

característica principal da modernidade é precisamente a tentativa de responder convenientemente a essa questão fundamental sobre a legitimação do saber, ou seja, quem decide sobre o verdadeiro? (*id.ib.*: 54). Na sociedade do *mass-media* há, portanto, uma pluralidade e uma democratização das formas de pensamento; conseqüentemente, a autonomia do indivíduo é marca preponderante do nosso século. Ela ganha um status que pressupõe a maior capacidade de reflexão do educando, pois, diante de um mundo complexo instituído pela globalização econômica, a exigência de poder interpretativo por parte do indivíduo torna-se uma necessidade prioritária dentro do sistema educacional atual. Já não cabe mais no mundo moderno uma visão exclusivista acerca de um determinado fato. Nesse sentido, o educador tem o enorme desafio de trabalhar com as diferenças, sem preconceitos e sem prejulgamentos de análise. Cabe aos seus interlocutores, os alunos, o estabelecimento de analogias e a formação da própria linha de raciocínio. O educador é antes de tudo um mediador nessa sociedade da informação. Deve estar apto a canalizar as informações para que os educandos não fiquem perdidos na linha de raciocínio, retomando possíveis desvios de rumo muito profundos. Dentro dessa concepção pós-moderna, mesmo o modelo educacional que deve ser implantado já não pode ser homogêneo. Os conteúdos únicos e absolutos devem ser questionados. As diversidades culturais devem imperar sobre o modelo de educação a ser implantado em um determinado núcleo educacional. Em suma, a educação não pode ser tratada como um processo unitário e por que não dizer totalitário, pois essa redução é parte de um domínio de classe. O fim último da educação deve ser o de trabalhar com as interpretações que os alunos dão ao mundo em que vivem e aprimorar essas interpretações, proporcionando uma ampliação cada vez maior da visão de mundo desse educando. Em última análise, o comportamento ético seria o único imperativo categórico, uma vez que, respeitadas as diversidades, esta forma de comportamento seria quase uma imposição natural no domínio humano.

Mas essa não é uma receita pronta para os educadores. Há de se frisar que estamos vivendo um grande processo de transformação do qual ainda não temos uma visão clara. As transformações históricas ocorreram paulatinamente e as sociedades foram

moldando sua cultura de acordo com as circunstâncias históricas que prescreveram seus novos hábitos e costumes. Assim, cobrar de indivíduos posturas inerentes a esse processo é incorreto; cabe aos pensadores da educação estabelecer os limites e direcionamentos necessários para que a condução dessa nova forma de planejamento educacional se faça de maneira menos impositiva.

Sem dúvida a tarefa é árdua, mas a possibilidade de emancipação humana nessa perspectiva pós-moderna é real, tendo em vista que as 'camisas de força' tendem a não ter mais efeito enquanto instrumento de dominação – verdades absolutas serão sempre questionadas. A troca de valores não é para saber quem está com a razão, mas para incentivar a tolerância e não cair em novos fundamentalismos. Nesse ínterim, está o educador e sua prática, não enquanto transmissor de respostas inquestionáveis, e sim como um agente de transformação valorativa, tendo como suporte fundamentações éticas e imbuído do desejo de abrir as portas da prisão do conhecimento, numa verdadeira postura democrática.

Em outras palavras, na escola da pós-modernidade, é preciso considerar os alunos em sua realidade social e cultural; isso significa querer recriar a democracia, de baixo para cima, em uma espécie de teoria do sujeito não racional que comanda a sociedade, ou seja, a racionalidade humana tão enaltecida no Iluminismo, no mundo pós moderno chega aos seus limites. Apesar de nos trazer o progresso científico, essa racionalidade exacerbada que se vincula à ideologia do capital, trouxe também uma profunda crise de valores e de consciência do que seja o humano.

Assim, dentro do projeto de uma educação pós-moderna, a ênfase recai sobre o saber criativo numa perspectiva de emancipação e liberdade humanas.

Referências bibliográficas

BERMAN, M. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

CASSIRER, Ernest. *Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991a.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VATTIMO, Gianni. *A Sociedade Transparente*. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

_____. *O Fim da Modernidade*. Lisboa: Edições 70, 1987.
